

Assustados com a hantavirose, moradores de núcleo rural onde houve o último caso confirmado da doença mudam hábitos para evitar novas contaminações. Tem gente que só trabalha de máscara

Medo em Sobradinho dos Melos

MARIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

Maria da Costa Oliveira tem 49 anos. Ramilson José da Silva acaba de completar 11. Apesar de idades tão diferentes, os dois estão unidos pelas coincidências. Em comum, o lugar onde moram — o núcleo rural Sobradinho dos Melos, no Paranoá —, o medo da hantavirose e a mudança de hábitos depois da descoberta de um possível foco da doença na comunidade. Uma moradora da região recebeu alta na terça-feira do Hospital de Base depois de ficar 15 dias em coma. Ela apresentou sintomas compatíveis com os da hantavirose. (*leia matéria ao lado*).

O temor do hantavírus em Sobradinho dos Melos independe da idade. Crianças como Ramilson e adultos a exemplo de Maria da Costa passaram a adotar medidas, cada um a seu modo, para evitar a doença que já matou seis pessoas no Distrito Federal. Desde embalar melhor o lixo produzido em casa ao uso de máscaras quando expostos ao risco.

Maria da Costa, por exemplo, põe todos os dias veneno para rato no barracão onde são guardadas as ferramentas. Também não deixa os netos — de um, cinco e sete anos — se aproximarem do local. "Estou apavorada com a doença. Deus me livre de algo acontecer com a minha família", afirma a moradora. Ela também acondiciona o lixo em sacos plásticos e no alto, para que os ro-

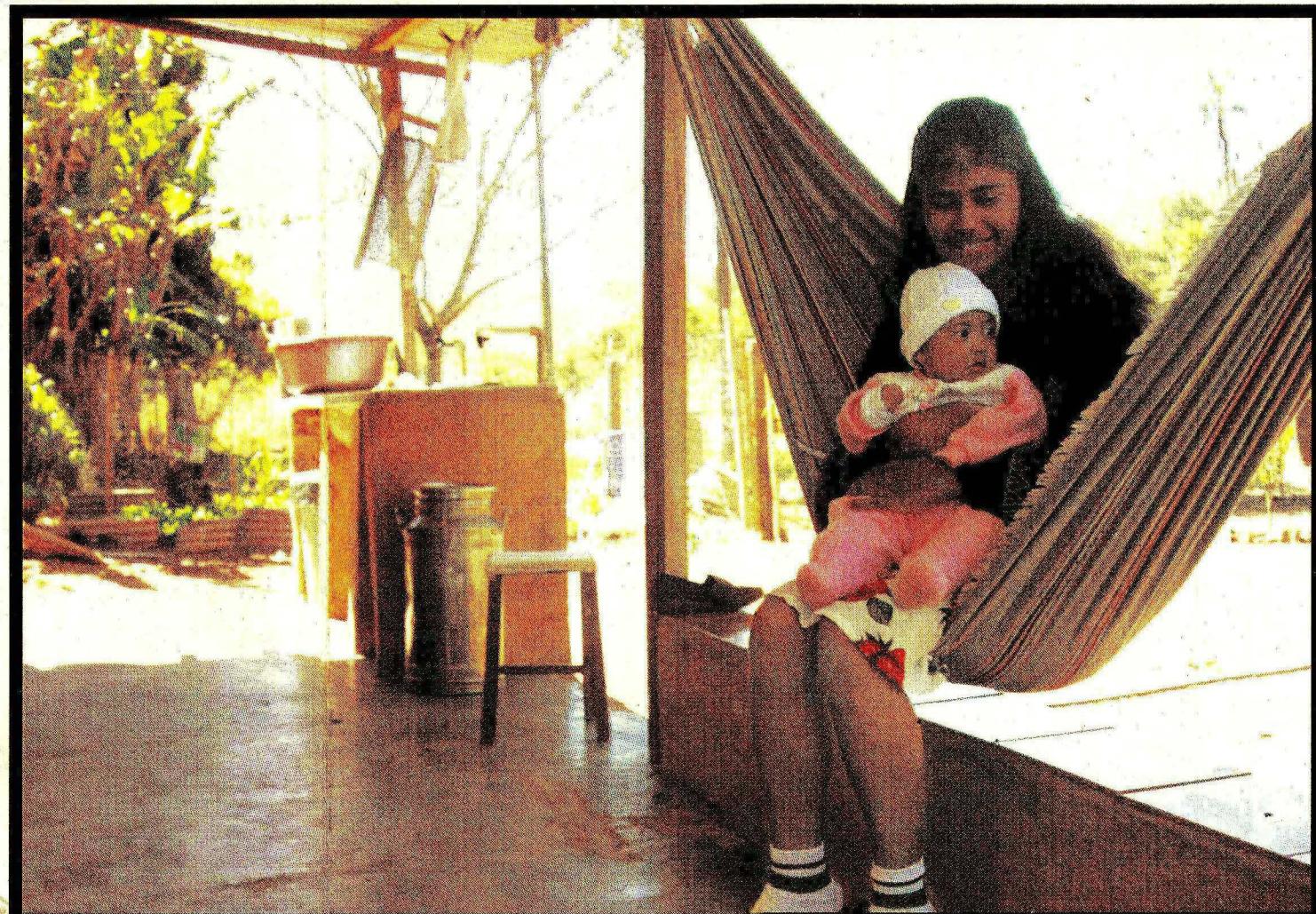
dores não sejam atraídos pelo cheiro. "Mesmo assim vez ou outra encontro ratos por aqui", garante ela, que mora no núcleo rural há 23 anos.

Também moradora de Sobradinho dos Melos, a dona de casa Edleuza Aparecida Lopes, 30, passou a guardar a ração para as galinhas fora da chácara. E mudou seus hábitos em relação ao lixo. Os sacos de sujeira não ficam mais no quintal, à espera da coleta. Edleuza queima o lixo e enterra. "Não há como ficar sem fazer nada". Na terça-feira, a moradora procurou o Hospital Regional do Paranoá (HRP) com fortes dores de cabeça. Diagnóstico: uma crise de sinusite.

O medo da mãe passou para as filhas. De tanto ouvir Edleuza falar dos riscos, Ana Paula, 8, e Ana Luiza, 6, deixaram de comer biscoitos fora de casa, para que as migalhas não fiquem espalhadas pelo chão. As meninas só se alimentam sentadas à mesa. Ramilson Silva também passou a ter mais cuidado. Não joga lixo em qualquer lugar, e passou a cobrar da mãe e da professora informações sobre a doença. "Tenho medo de morrer", confessa o garoto.

O ajudante de pedreiro José Balbino do Nascimento, 33, também não esconde a preocupação. Para trabalhar nas obras em Sobradinho dos Melos, ele usa máscaras. "E amanhã mesmo vou tentar achar um tempo para comprar máscaras para meus quatro filhos e minha esposa. Não quero que ninguém da família corra riscos", afirma.

Breno Fortes



CONTAMINADA PELO HANTAVÍRUS, A AGENTE DE SAÚDE JOSENI FERREIRA FICOU 13 DIAS EM COMA: SAUDADE DA FILHA, HELEN, DE SEIS MESES